

# **Dia da Menina: casamento infantil e falta de acesso à educação ainda são obstáculos**

*Uma em cada quatro crianças no mundo se casa antes de completar 18 anos, aponta ONG*

**[\(O Globo, 11/10/2017 - acesse no site de origem\)](#)**

Celebrado desde 2012, o Dia Internacional da Menina é lembrado nesta quarta-feira para destacar as questões que ainda atingem milhões de meninas ao redor do mundo. Entre elas, a desigualdade de direitos, a falta de acesso à educação e o casamento infantil. Segundo o Unicef, a cada dez minutos morre no mundo uma menina vítima de violência. Em 2016, cerca de 535 milhões de crianças no mundo todo — uma em cada quatro — viviam em países afetados por conflitos violentos, desastres naturais ou outras emergências.

De acordo com a ONU Mulheres, a data pretende abordar as necessidades e os desafios enfrentados, promovendo o empoderamento e o cumprimento dos direitos humanos. A agência lembra ainda que mulheres e crianças representam mais de três quartos dos que se tornaram refugiados ou deslocados internos. Elas são as mais vulneráveis em tempos de crise.

***[Leia mais: Unicef: A cada 10 minutos uma menina morre vítima de violência \(Exame, 11/10/2017\)](#)***

“No Dia Internacional da Menina, a ONU Mulheres pede que o mundo invista na formação de habilidades e na educação para as meninas, e em atividades de subsistência para jovens que enfrentam conflitos”, diz um comunicado.

Mulheres e meninas enfrentam maiores riscos de violência sexual e de gênero, assim como danos aos seus meios de subsistência. Ainda sobre a desigualdade de direitos, as meninas são quase três vezes mais propensas a faltar à escola durante desastres do que os meninos. Como uma forma de

garantir sua segurança, são, muitas vezes, forçadas a se casarem.

O casamento infantil e falta de acesso à educação de qualidade são as maiores barreiras para o progresso infantil feminino, indicou a ONG “Human Rights Watch”, nesta quarta-feira. Milhões de meninas em todo o mundo são casadas ou estão sob risco de um casamento infantil, e o progresso governamental para frear esse problema e acelerar o acesso à educação ainda é lento, acredita a ONG. Uma em cada quatro crianças se casa antes de completar 18 anos de idade.

“O casamento infantil arruína as vidas de milhões de meninas, e inclui a restrição à educação”, afirmou Liesl Gertholtz, diretora para direitos das mulheres na Human Rights Watch. “A menos que os governos ajam decisivamente, o número de meninas casadas só crescerá”, alertou ela.

A perda de acesso à educação é também a causa e consequência do casamento. Em todo o mundo, segundo a ONG, 32 milhões de alunas do primeiro segmento do ensino fundamental e 29 milhões do segundo segmento do ensino fundamental estão fora da escola. Essas meninas correm risco elevado de se tornarem vítimas de um casamento infantil.

## **DESIGUALDADE DE DIREITOS**

Segundo informou a EFE, em países como o Sudão do Sul ou a Somália existem “milhões de meninas que continuam com seus direitos básicos negados”. A diretora do Unicef para o Leste e Sul da África, Leila Pakkala, lembra que, em situações de conflito, as meninas têm 2,5 vezes mais possibilidades de serem retiradas do colégio.

“Em períodos de emergência e crise, a violência sexual afeta desproporcionalmente as meninas, que enfrentam alto risco de abusos, exploração e tráfico de menores”, acrescentou.

A agência destaca que a grave seca na região do Chifre da África (no nordeste do continente) afeta especialmente as meninas, que têm “menos recursos, menos mobilidade e mais dificuldade para acessar redes básicas de informação”.

“Quando as meninas recebem melhores serviços, segurança, educação e habilidades, estão em melhor posição para enfrentar conflitos ou desastres naturais”, acrescenta o documento, que pede “investimento focalizado e colaboração” para “capacitar as meninas”.

## **NAS REDES SOCIAIS**

A data está sendo lembrada nas redes sociais, a partir também da hashtag oficial da campanha #DayOfTheGirl.

O Facebook criou um doodle especial para o Dia Internacional da Menina, em que os internautas podem adicionar o tema à foto do perfil, fazendo referência à data. “As meninas de hoje, as líderes de amanhã”, aparece na rede social. “No Dia Internacional da Menina, nós celebramos o potencial de cada jovem mulher de ser uma voz de impacto em sua comunidade. Esperamos que você se junte a nós para desejar a cada menina um futuro brilhante”.

No Twitter, muitos internautas, em sua maioria mulheres e meninas, começam a repercutir o dia: as mensagens de empoderamento e valorização das meninas são destaque.

---

# **ONU alerta para aumento de casamentos infantis entre refugiadas sírias**

*Unfpa, Fundo de População das Nações Unidas, afirmou que isto está acontecendo com sírios que vivem no Líbano; estudo mostra que quase 35% das mulheres e meninas pesquisadas casaram antes dos 18 anos.*

[\(Rádio ONU, 01/02/2017 - acesse no site de origem\)](#)

A ONU alertou para um aumento do número de casamentos infantis entre a população mais vulnerável de refugiados que vive na região oeste de Beca, no Líbano.

Segundo estudo feito pelo Fundo de População das Nações Unidas, Unfpa, pela Universidade Americana em Beirute e a organização Sawa, quase 35% das jovens entre 20 e 24 anos pesquisadas casaram antes de completar 18 anos.

### **Instabilidade e pobreza**

O Unfpa diz ainda que entre as meninas sírias refugiadas entre 15 e 17 anos, 24% estão casadas.

O estudo explica que antes da guerra na Síria, o casamento infantil não era muito comum entre os sírios. As estimativas variam e mostram um aumento de até 400% dessa prática se comparado o período antes e depois do conflito.

A agência da ONU afirma que o deslocamento, a instabilidade e a pobreza estão causando a alta dos casamentos infantis. Para combater o problema, o Unfpa recomenda o cumprimento mais rigoroso das políticas que proíbem o casamento infantil.

Além disso, pede uma participação maior das meninas nas escolas e chama a atenção para as consequências de um casamento precoce entre as comunidades de refugiados.

Entre essas consequências estão o aumento dos riscos de complicações durante a gravidez.

### **Realidade**

Uma das mulheres que participaram do estudo disse que “nenhuma menina deveria se casar antes dos 18 anos, mas a realidade é diferente”.

A pesquisa mostrou ainda que as matrículas das meninas nas escolas da região diminuem conforme a idade aumenta. Por exemplo, 70% das meninas de nove anos frequentam a sala de aula, esse índice cai para apenas 17% entre as alunas de 16 anos.

O estudo afirma que as meninas sem educação formal estão mais vulneráveis aos casamentos infantis.

Por isso, os programas de extensão do Unfpa tentam conscientizar os pais, líderes comunitários e trabalhadores de saúde sobre o problema.

A ONU apoia também locais seguros criados para atender a todas as mulheres e meninas que precisem de ajuda para que possam receber assistência jurídica e psicossocial.

*Edgard Júnior*

---

## **Radha Rani, uma bengalesa na luta contra o casamento forçado de meninas**

*No mundo, 15 milhões de crianças terão casado em 2016 antes de completar 18 anos, ou seja, uma a cada dois segundos, de acordo com o Unicef*

**[\(Correio Braziliense, 11/10/2016 - acesse no site de origem\)](#)**

Quando tinha 14 anos, a bengalesa Radha Rani Sarker fingiu dormir para poder “fugir pela porta dos fundos” e evitar que a cassassem à força. Desde então, luta para que “todas as crianças do mundo” não tenham que viver algo semelhante.

“Meu pai tinha acabado de morrer quando tentaram me casar. Éramos cinco irmãs, ninguém podia atender às minhas necessidades”, conta a jovem de cabelos longos ao passar por Paris, por ocasião da quinta jornada internacional das meninas, celebrada nesta terça-feira.

Seu cunhado a sequestrou em casa, esperando casá-la com um de seus

amigos, de 21 anos, mas Radha conseguiu fugir e se refugiar na casa da mãe, a quem chama de “seu anjo”. Ela entendia pelo que a filha estava passando, porque a casaram aos 12 anos.

“Uma vez casada, sabia que perderia tudo. Minha liberdade, meus estudos, minha vida”, prossegue Radha Rani, hoje uma estudante de 21 anos e porta-voz da campanha contra os casamentos forçados, lançada pela ONG Plano Internacional.

Radha foi apadrinhada por esta associação desde os três anos, e por isto se familiarizou muito cedo com os direitos das crianças e os perigos do casamento forçado.

“Quando estava trancada na casa do meu cunhado, pensava como é possível que eu, que estou sensibilizada e vejo o sofrimento das minhas irmãs, possa suportar algo assim?”, acrescentou. Três de suas quatro irmãs foram casadas à força.

No mundo, 15 milhões de crianças terão casado em 2016 antes de completar 18 anos, ou seja, uma a cada dois segundos, de acordo com o Unicef.

No Níger, na República Centro-africana, na Guiné, no Chade e em Bangladesh, os cinco países onde esta prática é mais estendida, 60% das mulheres se casaram antes da maioridade, sobretudo por motivos financeiros.

Uma menina sem estudos não pode apoiar financeiramente sua família e quanto mais difíceis são as condições de vida, maior é a tentação dos pais de casá-las.

### **‘Livrar-se’ das meninas**

Como consequência disto, as meninas são menos escolarizadas, sofrem mais isolamento, mais risco de mortalidade infantil ou materna, assim como de violência, segundo a Plano Internacional.

“Os pais não estão suficientemente sensibilizados”, acrescenta Radha, militante em uma associação local que defende os direitos de mulheres e

crianças.

“As meninas têm sonhos, desejos, são o futuro e ninguém presta atenção. No meu país, quando se tem uma filha, não se pensa em outra coisa que se desfazer dela mediante um casamento”, explica.

Em Bangaldesh, a lei proíbe o casamento de menores, mas 73% das meninas se casam sem ter completado 18 anos e mais de uma em cada quatro tem entre 12 e 14 anos.

“A lei não se aplica”, denuncia a ativista, que lembra que seu país é comandado por uma mulher desde 2009, Sheij Hasina. “Além disso, a pena é mínima, um mês de prisão e multa de 1.000 takas (uns 11 euros)”, acrescenta.

Segundo Yvan Savy, diretor da Plano Internacional francesa, 144 países (de 193) não tem nenhuma lei que proíba o casamento de crianças. A ONG milita para que todos adotem um mesmo texto que diga que ‘antes dos 18 anos, ninguém se casa’”, afirmou.

A viagem de Radha a Paris é a sua primeira ao exterior. Na quarta-feira, ela irá a Bruxelas para fazer um discurso perante as autoridades europeias “e pedir ajuda”.

A jovem recebeu sete propostas de casamento. Mas não está certa de que vá se casar algum dia: “sou uma mulher livre, posso tomar minhas decisões”.

---

## **Os tristes números do casamento infantil no mundo**

A Unicef, o braço da Organização das Nações Unidas que monitora a situação da infância no mundo, divulgou recentemente um relatório impactante sobre o casamento infantil e que trouxe à tona previsões desastrosas,

especialmente para as meninas na África.

**(Exame, 04/09/2016 - acesse no site de origem)**

Até 2050, mostrou o estudo, se nada for feito para mudar esse panorama, o número de mulheres adultas que se casaram ainda na infância atingirá a marca de 310 milhões.

De acordo com a entidade, a lentidão na redução da taxa deste tipo de união associada ao crescimento demográfico acelerado no continente são os fatores responsáveis por esse número assustador.

A tarefa de redução desse fenômeno promete não ser nada fácil. De acordo com um estudo conduzido pela Unicef em 2005 e que investigou as origens desse problema, o casamento infantil é visto como culturalmente aceito em muitas tribos do continente. A pobreza é outro fator determinante desse retrato, já que muitas famílias acabam enxergando nos casamentos uma forma de renda.

Os efeitos dessa prática são nefastos. Ainda nessa pesquisa, a Unicef constatou que a maioria das esposas casadas na infância ou adolescência estão mais expostas à violência doméstica, a maioria delas não conhece métodos contraceptivos e muitas sequer sabem como se proteger de doenças e estão particularmente vulneráveis a serem infectadas pelo HIV.

O panorama desse problema é sombrio. No infográfico abaixo, EXAME.com mostra alguns dos números que comprovam a gravidade dos casamentos infantis.



*Larissa Moreira*

---



# Unicef: casamento infantil pode afetar mais de 310 milhões de meninas africanas

**(Agência Brasil, 09/08/2016)** Atualmente, mais de 700 milhões de mulheres e meninas no mundo se casaram antes dos 18 anos de idade. Dessas, 17% - ou 125 milhões - vivem na África.

Mais de uma em cada três - o que significa mais de 40 milhões delas - se casaram antes dos 15 anos de idade. Se os índices atuais persistirem na África, o número de mulheres e jovens que se casaram antes dos 18 anos pode chegar a 310 milhões em 2050.

De acordo com o relatório *Perfil do Casamento na Infância na África*, do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), a projeção de aumento se deve às lentas taxas de redução no número de casamentos precoces, somadas a um rápido crescimento demográfico.

Na África, diferentemente de outras regiões do mundo, a tendência é de que cada vez mais meninas se casem antes dos 18 anos. De acordo com a projeção, até 2050 o Continente Africano deverá ultrapassar o Sul da Ásia como a região com o número mais elevado de mulheres - entre 20 e 24 anos - que terão casado na infância.

Dados do Unicef lançados em 2014 mostram que enquanto a taxa de casamentos na infância diminuiu ligeiramente ao longo das últimas três décadas, as medidas para evitá-los precisam ser ampliadas de forma dramática, para compensar o crescimento da população.

Na África, o percentual de jovens mulheres que se casaram na infância diminuiu de 44% em 1990 para 34% atualmente. No entanto, com a previsão de que o número de meninas aumente de 275 milhões (2016) para 465 milhões (em 2050), o Unicef estima que, mesmo que haja redução na taxa desses casamentos, o número de meninas noivas vai aumentar.

O casamento infantil é definido como união formal ou informal antes dos 18 anos e é uma realidade para ambos os sexos, embora as meninas sejam desproporcionalmente as mais afetadas.

De acordo com o documento do Unicef, quando as meninas se casam, suas perspectivas de vir a ter uma vida saudável e bem-sucedida diminuem drasticamente, desencadeando muitas vezes um ciclo intergeracional de pobreza. As meninas casadas têm menos probabilidades de terminar os estudos, mais probabilidades de vir a ser vítimas de violência e de ser infectadas pelo HIV. Os filhos de mães adolescentes correm maior risco de nascerem mortos ou morrer no primeiro mês de vida. Além disso, o casamento infantil muitas vezes resulta na separação da família e dos amigos e na falta de liberdade de participar de atividades comunitárias, que podem ter consequências importantes para o bem-estar físico e mental das meninas.

As mortes maternas relacionadas à gravidez e ao parto são um componente importante de mortalidade de meninas com idade entre 15 e 19 anos em todo o mundo, sendo responsáveis por 70 mil mortes por ano, segundo o Unicef. Se a mãe tiver menos de 18 anos, o risco de o bebê morrer no primeiro ano de vida é 60% maior do que o de um bebê nascido de uma mãe com idade superior a 19 anos. Mesmo que o bebê sobreviva, é mais propenso a sofrer de baixo peso ao nascer, de desnutrição e de desenvolvimento físico e cognitivo tardio.

*Marieta Cazarré; Edição: Graça Adjuto*

***Acesse no site de origem: [Unicef: casamento infantil pode afetar mais de 310 milhões de meninas africanas \(Agência Brasil, 09/08/2016\)](#)***

---

# Casamento como perdão de

# abuso sexual contra menores

*(El País, 07/05/2016) Três Estados mexicanos absolvem acusados de relações sexuais com adolescentes caso decidam se casar*

No México, o sexo com adolescentes é punido com prisão, seja forçado ou consensual sob falsos pretextos. Se o adulto é uma autoridade do Governo, religiosa ou do setor de educação, a pena é maior. Mas há uma exceção: em três Estados mexicanos, o adulto é absolvido caso decida se casar com o menor de idade. Especialistas classificam a regra como retrógrada e violadora dos direitos das crianças, além de desrespeitar vários mecanismos internacionais assinados pelo México e que o país está obrigado a cumprir.

Os Estados de Sonora, Campeche e Baixa Califórnia incluem em seus códigos penas que vão de três meses e seis anos de prisão para os que “tenham relações” com uma pessoa entre 14 e 18 anos, mas concedem a absolvição caso o estuprador se case com o adolescente. Nos Estados do norte Sonora e Baixa Califórnia, além disso, os adolescentes do sexo masculino e as vítimas de exploração sexual ficam desprotegidos, pois o crime de estupro (sexo com adolescentes) está tipificado como a relação sexual com “uma mulher” menor de 18 anos, “casta e honesta” ou que “vive honestamente”.

“O estupro é uma forma sorrateira para não reconhecer o abuso, é um eufemismo. É uma porta de saída rápida, porque quem tem de provar que não foi com consentimento é a vítima. O que temos são estupros dissimulados que resultam em casos de tráfico [de pessoas]; o estuprador se casa e, assim, a exploração é acobertada com o matrimônio”, disse Juan Martín Pérez, diretor da Rede pelos Direitos da Infância (Redim).

A origem do estupro e da cláusula de casamento está na “cultura patriarcal que arrastamos por muitos anos”, com uma lei violenta que procura manter um *status quo* em vez de proteger a criança, avalia Patricia González, pesquisadora da Universidade Nacional. A vontade dos menores em tais casos é necessariamente desrespeitada, diz a advogada, porque, ao ter menos idade, o adolescente fica vulnerável diante de quem tem mais experiência.

“Como juíza, a maioria dos casos que conduzi resultaram em divórcio quase imediato; moravam com a vítima há um mês e, em seguida, desapareciam, as abandonavam”, afirma a ex-promotora de Chihuahua, Estado conhecido por seu alto número de feminicídios.

A absolvição é concedida como uma forma de compensação para a vítima em locais onde sua honra se sobrepõe aos seus direitos, a família acredita que a filha foi “manchada” e que o casamento repara essa falta, explica a especialista.

Mesmo se a adolescente ou o adolescente declararam que sua relação com o adulto foi voluntária, continua sendo um abuso, pois o maior de idade está em uma posição de poder, avaliam os especialistas. A lei federal considera o estupro como a “relação com uma pessoa com mais de 12 anos e menos de 18, obtendo seu consentimento com pretextos”, implicando que em um julgamento teria de ser provado que o menor foi enganado. Ativistas dizem que o sexo com menores de idade deve ser tipificado como abuso sexual, eliminando a figura do estupro e proibindo completamente o casamento com crianças e adolescentes.

“A evidência mostra que, em termos psicológicos, um adolescente não tem tantos elementos [para decidir]. Caso se case antes da maioridade está em desvantagem, porque isso limita seu desenvolvimento biológico e psicológico”, diz Juan Martín Pérez.

O diretor da Redim diz que sete em cada 10 meninas com idades entre 15 e 17 anos que estão casadas o fizeram com homens 10 anos mais velhos, situação permitida por uma “lei machista” que perpetua relações abusivas ou de violência sexual.

“Há adolescentes que se apaixonam por um adulto, seu professor, por exemplo, que os seduz”, diz Laura Martínez, diretora da Associação para o Desenvolvimento Integral de Pessoas Estupradas (Adivac). Embora a relação seja consensual, é responsabilidade do adulto evitá-la, porque é ele que pode ser punido por abusar de sua posição de poder, diz a especialista.

Além disso, seis Estados punem o sexo com menores entre 16 e 18 anos: em

Coahuila, Guanajuato, Michoacán, San Luis Potosí, Sinaloa e Aguascalientes é permitido ter relações com uma pessoa de 17 anos. Por outro lado, Nuevo León não considera estupro uma relação resultante de “um ato ilegal de transação comercial”, ou seja, a exploração sexual; já Tlaxcala considera o ato como uma forma de estupro. Especialistas alertam que todo o país deve ter um código homologado para evitar lacunas jurídicas e que o Governo federal deve implementar e fazer cumprir as normas internacionais as quais está vinculado.

## **O QUE DIZEM OS CÓDIGOS PENAIIS?**

### **Baixa Califórnia**

**Artigo 182.** Quem tenha relação com uma mulher 14 anos de idade e menos de 18, casta e honesta, obtendo seu consentimento por meio de sedução ou engano, será passível de dois a seis anos de prisão e uma multa de até cem dias de salário.

A pena pode ser aumentada em até três anos, caso o estupro seja cometido por alguém legalmente impedido de se casar (como um ministro religioso). Não haverá punição contra o estupro, caso a queixa não seja apresentada pela mulher abusada ou pelos pais; na ausência destes, deve ser apresentada por seus representantes legais; mas, quando o agressor se casa com a vítima, qualquer ação para processá-lo será suspensa ou a pena imposta será anulada.

### **Campeche**

**Artigo 164.** O crime de estupro é cometido por aquele que tenha relação com o consentimento da pessoa com mais de 14 anos e menos de 18, independentemente do sexo. Quem comete o crime de estupro estará sujeito entre seis meses e três anos de prisão e uma multa 200 a 400 dias de salário. Quando o consentimento é obtido através de qualquer tipo de pretexto, as penas são aumentadas em um terço.

**Artigo 166.** Em caso de estupro, a ação criminal será eliminada se o sujeito ativo e passivo se casam, de acordo com a lei sobre o assunto, sempre e quando expressem o desejo de se unir em vínculo matrimonial de maneira

voluntária, sem que exista algum tipo de vício da vontade.

## **Sonora**

**Artigo 215.** O crime de estupro é cometido por aquele que tem relações sexuais com uma mulher com menos de 18 anos e que vive honestamente, obtendo seu consentimento por meio de sedução ou engano. O estupro será punido com pena de prisão de três meses a três anos e multa de 10 a 150 dias de salário. Quando a conduta referida no parágrafo anterior for realizada no âmbito das instituições de educação básica, média, superior ou em suas imediações, a pena é aumentada pela metade.

**Artigo 216.** O estupro não será processado, a não ser pela queixa da mulher abusada ou por seus pais; na sua ausência destes, por seus representantes legais; mas, quando o acusado se casar com a mulher abusada, qualquer ação para puni-lo será eliminada como também a pena imposta. Pelo simples fato da mulher estupro não ter ainda 16 anos, presume-se que foi utilizada a sedução na obtenção de consentimento para relações sexuais.

**Acesse no site de origem:** [Casamento como perdão de abuso sexual contra menores \(El País, 07/05/2016\)](#)

---

# **África Subsaariana tem as mais elevadas taxas de casamento infantil**

**(Agência Brasil, 10/12/2015)** A organização Human Rights Watch (HRW) pediu hoje (10) aos governos africanos que coordenem ações, principalmente com líderes religiosos, a fim de melhorar leis e conscientizar a população para acabar com o casamento infantil, que só na África Subsaariana afeta

40% das menores.

Apesar de os tratados de direitos humanos e da mulher e da criança, acordados pelos Estados africanos, estabelecerem que a idade mínima para contrair matrimônio deve ser os 18 anos, o continente continua a apresentar as mais elevadas taxas de casamento infantil.

“Não há uma solução única para acabar com o matrimônio infantil. Os governos africanos devem comprometer-se a realizar uma mudança integral, que inclua uma reforma jurídica, assim como o acesso à educação de qualidade, à informação e aos serviços de saúde sexual e reprodutiva”, afirmou a pesquisadora da organização HRW na África, Agnes Odhiambo.

A propósito do Dia Internacional dos Direitos Humanos, a organização divulgou relatório em que alerta para os riscos a que estão expostas as menores, intitulado Acabar com o matrimônio infantil na África: abrindo às crianças as portas da educação, saúde e proteção contra a violência”.

Com o casamento, explica, termina a educação da criança, que fica exposta à violência doméstica e sexual e aumenta os riscos de morte por maternidade precoce ou por HIV.

Embora muitos fatores contribuam para o matrimônio infantil, a pobreza figura como um dos principais motivos. A família vê no casamento precoce uma forma de sobrevivência econômica, ao ficar com menos um filho para alimentar ou educar.

Segundo a HRW, pelo menos 20 países africanos permitem que as meninas se casem antes dos 18 anos, por meio de leis que contemplam exceções em caso de consentimento dos pais.

A falta de acesso à educação também pode contribuir para o casamento infantil, assim como as crenças tradicionais sobre os papéis de gênero, que continuam a subordinar meninas e mulheres.

“Os funcionários do governo não podem obter uma mudança sozinhos, devem trabalhar com os líderes religiosos e da comunidade que desempenham papel influente na definição das normas sociais e culturais”, disse Odhiambo.

Segundo estimativas do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), caso não ocorram avanços no plano da prevenção do matrimônio infantil, o número de meninas casadas na África vai aumentar de 125 milhões para 310 milhões em 2050.

***Acesse no site de origem: [África Subsaariana tem as mais elevadas taxas de casamento infantil \(Agência Brasil, 10/12/2015\)](#)***

---

## **Educação de gênero pode evitar casamento na infância e adolescência, diz estudo**

***(Agência Brasil, 09/09/2015)*** Estimular o envolvimento paterno na vida das filhas de forma ativa é uma das principais maneiras de evitar o casamento na infância e adolescência. A estratégia faz parte das recomendações do relatório [Ela vai no meu barco - Casamento na infância e adolescência no Brasil](#), que será lançado hoje (9) pelo Instituto Promundo. Segundo pesquisa apresentada no relatório, a idade média de casamento e de nascimento do primeiro filho de meninas entrevistadas é 15 anos. Os homens são, em média, nove anos mais velhos. O trabalho do Promundo tem o objetivo de promover o direito de as meninas decidirem, livre e plenamente, quando e com quem se casar.

### ***Leia mais:***

[Brasil: 90 mil crianças de 10 a 14 anos eram casadas em 2010 \(Terra, 09/09/2015\)](#)

[Pobreza e abusos estimulam casamentos infantis no Brasil \(BBC Brasil, 09/09/2015\)](#)

[Escola primária americana cria banheiro sem distinção de gênero \(UOL, 04/09/2015\)](#)



Segundo a coordenadora da pesquisa, Alice Taylor, as meninas com a presença do pai na educação têm maior autoestima e escolhem parceiros com comportamentos e atitudes mais igualitárias em termos de gênero. Elas também vivenciam menos violência sexual ou a atividade sexual precoce e indesejada.

“É uma recomendação muito importante trabalhar as normas de gêneros sobre a prática [relacionada ao casamento]. Trabalhar com homens, meninos, meninas, lideranças religiosas e comunitárias, redes de proteção sobre os direitos e escolhas possíveis para meninos e meninas, as suas possibilidades dentro de relacionamentos, seus direitos sexuais”, disse Alice.

De acordo com dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pouco mais de 88 mil meninas e meninos, entre 10 e 14 anos, estão em uniões consensuais, civis e/ou religiosas, no Brasil. Na faixa etária de 15 a 17, o número chega a 567 mil, e com 18 ou 19 anos, mais de 1 milhão de pessoas já estão em uma união formal ou informal.

Alice disse ainda que essa é uma reflexão que deve envolver toda a comunidade, de desconstrução desse modelo de comportamento em que os homens acabam se casando com meninas mais novas, porque as acham “mais atraentes e fáceis de controlar”. Acrescentou que as meninas, desejando sair da casa dos pais, se casam para ter sua liberdade, mas acabam desapontadas e vivendo experiências de controle ainda maior por parte do marido. “Uma coisa é o casamento em si, outra é a dinâmica que existe diante da diferença de poder, do homem com mais experiência”. Para a pesquisadora, isso tem impacto sobre as meninas, que tendem a deixar a escola ou engravidar mais cedo.

O relatório apresenta os resultados de uma pesquisa, feita de 2013 a 2015, sobre atitudes e práticas envolvendo casamento na infância e adolescência nas regiões metropolitanas de Belém, no Pará, e de São Luís, no Maranhão. Segundo dados do IBGE, os dois estados têm alto número de casamentos infantis (de meninos e meninas com idade entre 10 e 18 anos).

A pesquisa foi feita em parceria com a Universidade Federal do Pará, a Plan International Brasil, no Maranhão, e o Fundo das Nações Unidas para a

Infância (Unicef), com o apoio da Fundação Ford.

Embora os dois gêneros vivenciem casamentos infantis, as meninas são mais afetadas pela prática. De acordo com o relatório, entre os meninos, 18 anos é o padrão de idade ao se casar, enquanto o das meninas é 15 anos. Existem diferentes fatores que levam aos casamentos infantis, mas a principal questão, na América Latina, segundo o relatório, é que eles são considerados consensuais, não são arranjos como em outros países. “Existem formas de pressão sim, e o importante é identificar em qual contexto as meninas fazem essa escolha”, afirmou Alice Taylor.

As questões socioeconômicas, as opções de trabalho, a escolarização, o controle da sexualidade, a gravidez indesejada são fatores que, para a coordenadora do trabalho, podem levar ao casamento infantil. O relatório também mostra que os meninos adolescentes, da mesma idade que as meninas casadas, são desprezados como parceiros por causa da percepção de que não são responsáveis nem provedores.

Alice Taylor informou que o Promundo trabalha em diversos países pela igualdade de gênero, a prevenção da violência contra as mulheres e, há cerca de dois anos, com direitos das crianças e adolescentes. Ela lembrou que, no Brasil, há trabalhos importantes e avanços sobre temas como gravidez na adolescência, evasão escolar, exploração sexual e infantil, mas ainda não havia sido explorada a questão do casamento e como esses relacionamentos de crianças e adolescentes estão ligados a outras questões. “É importante que o tema tenha visibilidade e seja discutido em vários ambientes da sociedade civil. A primeira etapa é dialogar, é um tema que existe e é preciso pensar como deve ser articulado dentro de políticas públicas, quais os tipos de sistema e direitos que poderiam ser melhorados”.

Além da abordagem a homens e meninos, como pais e futuros maridos, Alice acrescentou que é preciso melhorar a legislação, para não ter tantas ambiguidades. “A legislação não abrange tudo, porque nem todos os casamentos são civis ou religiosos. Mas os casamentos informais têm os mesmos tipos de consequências que os formais”.

Conforme estimativa apresentada no relatório, o Brasil ocupa o quarto lugar

no mundo em números absolutos de mulheres casadas até os 15 anos. São 877 mil mulheres, com idade entre 20 e 24 anos, que se casaram até os 15 anos (11%). Entre mulheres com idade de 20 a 24 anos, estima-se que 36% (aproximadamente 3 milhões) se casaram aos 18 anos. Em outros países da América Latina e do Caribe, os níveis de ocorrência são maiores apenas na República Dominicana e Nicarágua.

*Andreia Verdélio; Edição: Graça Adjuto*

***Acesse no site de origem: [Educação de gênero pode evitar casamento na infância e adolescência, diz estudo \(Agência Brasil, 09/09/2015\)](#)***

---

## **“Campos do sexo” em Moçambique e Zâmbia preparam crianças para o casamento**

*(Último Segundo, 14/07/2015) Aulas com crianças incluem instruções práticas sobre sexo e exigem inserção de objetos no interior do corpo feminino*

Crianças a partir de 8 anos são enviadas a “campos do sexo” em Moçambique e na Zâmbia para aprender detalhes sobre o casamento e, no caso das meninas, a satisfazer seus maridos. A informação é da ONG Child Not Bride, entidade formada por mais de 450 organizações de vários países comprometidas em acabar com o casamento infantil.



Até 142 milhões de crianças vão se casar até o fim de 2020, diz ONG (Foto: Reprodução/Youtube)

Em conversa com o iG, a ativista Maryam Mohsin explica que nesses locais, meninos e meninas passam por “cerimônias de iniciação” em que recebem aulas de cultura e tradições africanas, mas também instruções práticas sobre o sexo que exigem a inserção de objetos no interior do corpo feminino e até castigos físicos, quando as crianças e os jovens não executam bem uma tarefa.

“Essas cerimônias se concentram principalmente na região central moçambiquenha, como na província de Zambezia, e no norte da Zâmbia, e apesar de as aulas também terem o objetivo de preparar jovens para a vida adulta, têm gerado preocupação pela natureza fortemente sexual de suas cerimônias”, afirma.

Por causa desse tipo de tradição, tanto Moçambique quanto a Zâmbia estão em posições preocupantes no ranking do Unicef, Fundo das Nações Unidas para a Infância, para as nações com maior número de casamentos infantis do mundo. Em Moçambique, 56% das meninas se casam com menos de 18 anos, o que coloca o país em quinto lugar entre os dez com os índices mais elevados. Já a Zâmbia ocupa a 15ª maior taxa do planeta, com 42%.



Maioria dos casos se concentra na África subsaariana e no sul da Ásia (Foto: Reprodução/Youtube)

No Níger, que lidera a lista, 75% das menores de idade se casam antes dos 18. Tanto o Chade quanto a República Centro-Africana ocupam a segunda posição da lista, ambos com 68%. Bangladesh é o terceiro, com índice de 66%. A maioria dos casamentos infantis ocorre na zona rural da África Subsaariana e no sul da Ásia. Neste último, quase metade das jovens e, na África subsaariana, mais de um terço delas se casam antes do 18º aniversário.

Se os dados se mantiverem, até 2020 mais de 140 milhões de jovens com menos de 18 anos deverão se casar em todo o mundo - 50 milhões delas com idade inferior a 15 anos - estima o UNFPA, Fundo de População das Nações Unidas. “O casamento infantil é uma violação terrível dos direitos humanos e rouba educação, saúde e perspectivas em longo prazo desses jovens”, diz Babatunde Osotimehin, diretor executivo do UNFPA.

Ao analisar os dados, o professor de antropologia da Unesp (Universidade Estadual Paulista) Claudio Bertolli Filho sugere que como a noção de infância varia de acordo com os países, quase nunca levam em conta a qualidade de vida dos noivos. “A noção de criança como entendemos não é universal. Problemas como a baixa expectativa de vida, aliados a alianças familiares e

ao pagamento do dote, vêm antes da qualidade de vida infantil”, avalia.

### **Treinando para o casamento**

Oficialmente, os organizadores desses campos afirmam que jovens na puberdade aprendem sobre higiene, tarefas domésticas e, no caso da mulher, como ela deve se portar em sociedade e diante da família durante os cerca de 15 dias que passam no local. Mas, segundo Maryam Mohsin, os ritos de iniciação incentivam o casamento precoce, já que crianças e adultos são levados a crer que, ao saírem dessas cerimônias de iniciação, estão prontos para se envolver em atividades sexuais.

“Em alguns casos, a economia também desempenha um papel importante nessas uniões, já que os pais veem nesses casamentos uma maneira de resolver seus problemas financeiros”, diz ela.

“Em Moçambique, por exemplo, as maiores taxas de casamentos infantis se concentram nas províncias onde os ritos de iniciação predominam.”

É também nessas áreas que há um número significativo de jovens mães com sérios problemas de saúde, como fístulas obstétricas, devido a complicações no parto. Claudio Bertolli lembra também que grande parte das mulheres menores de idade acabam sendo escravizadas, abusadas sexualmente e são submetidas a toda e qualquer exigência do marido. “Além de os maridos se sentirem donos das mulheres, há relatos de parentes que abusam das meninas e também se sentem donos delas, fazendo das menores suas escravas.”

### **Prática ilegal**





Até 2020, mais de 140 milhões de jovens com menos de 18 anos deverão se casar em todo o mundo (Foto: Reprodução/Youtube)

Os locais que praticam a iniciação sexual são considerados ilegais. Ainda assim, como a prática é uma tradição em muitos vilarejos, os “campos do sexo” acabam sendo mantidos e incentivados pelas próprias famílias das crianças.

“A maioria dos meninos e meninas são encorajados e pressionados por suas próprias comunidades a participarem das cerimônias de iniciação”, explica.

Para acabar com a prática, o Unicef, em parceria com ONGs como a Child not Bride, tem resgatado crianças que são deixadas nesses locais por seus pais. Mas Maryam acredita que acabar com esse processo vai demorar, “uma vez que exige mudança na mentalidade” de vários setores sociais, como a polícia e os líderes comunitários.

“Eles precisam sair do ‘estado de negação’ e reconhecer que o fim dessa prática vai contribuir para a eliminação do casamento de crianças em Moçambique”.

*Amanda Campos*

*Acesse no site de origem: [“Campos do sexo” em Moçambique e Zâmbia preparam crianças para o casamento \(Último Segundo, 14/07/2015\)](#)*

---

## **‘Malala síria’ luta contra casamentos de crianças com homens mais velhos**

**(BBC Brasil, 24/06/2015)** Mezon Almellehan é conhecida como “Malala da Síria”. Aos 16 anos, a jovem síria faz campanha pela educação e contra o casamento de crianças em campos refugiados na Jordânia.

De porta em porta, a ativista conversa com famílias pobres que fugiram do sangrento conflito sírio e tenta convencê-las a não casar suas garotas com homens mais velhos.



Mezon Almellehan encontrou-se com a ativista paquistanesa Malala



Yousafzai, que a incentivou a continuar com sua campanha pela educação (Foto: AFP)

Os casamentos forçados de meninas refugiadas sírias na Jordânia têm aumentado de maneira preocupante, segundo o Unicef, o fundo da Organização das Nações Unidas para a infância.

Mezon diz ter começado seu ativismo com seus vizinhos. Conversava com garotas que iam à escola mas que já estavam planejando se casar.

“Eu conversei com elas sobre a importância da educação e pedi que adiassem seus casamentos”, disse a ativista à BBC.

Visitou também famílias cujas meninas estavam fora da escola, conta. Explicou às jovens a importância de aproveitarem as oportunidades oferecidas nos campos de refugiados e tentou convencer famílias a reverem suas decisões.

“Eu disse a elas que a educação poderia dar-lhes um futuro melhor”, disse. “É muito importante fazer este trabalho. Assim, poderemos ter uma nova geração, educada, na qual as pessoas podem se ajudar e poderemos ter um futuro”.

No campo de Zaatari, o maior para refugiados sírios na Jordânia, Mezon participava de um programa de educação para jovens. Cerca de metade das 40 meninas que iniciaram o programa deixaram os estudos, muitas delas para se casar.

“Elas achavam que abandonar os estudos para se casar era melhor para elas. Especialmente porque estavam vivendo em campos de refugiados. Elas acreditam que, talvez, no futuro, possam retornar à escola depois de voltar para suas casa na Síria”.

A comparação com a ativista paquistanesa Malala Yousafzai veio após ambas terem se encontrado. No encontro, a prêmio Nobel da Paz incentivou Mezon a continuar com sua campanha.



Campo de Zaatari foi aberto em julho de 2012 em resposta ao crescente número de refugiados sírios (Foto: Reprodução)

“Malala é um pessoa que fez muito mais do que eu tenho feito. Eu só tenho tentado convencer meninas que deixaram zonas de conflito e acabaram em campos de refugiados a voltar aos estudos”, diz Mezon.

“Mas Malala... ela enfrentou uma situação bem pior. Ela arriscou a vida dela pela causa”.

Mezon se diz “sortuda” ao ter apoio do pai, que já expressou orgulho do ativismo da filha.

“Sou muito feliz em ter o apoio do meu pai. Sei que sou sortuda em comparação a outras garotas nos campos. Muitas delas realmente querem educação, mas os pais delas não dão muito apoio e isto cria problemas”.

“Eu sou realmente sortuda porque meu pai não quer apenas que eu tenha educação - mas a melhor. E sou muito orgulhosa disso”.

E para as meninas que estejam pensando em abandonar a escola para se casar, Mezon tem uma mensagem.

“Eu diria a elas que educação pode salvar a vida delas. Que elas deveriam fazer da educação uma prioridade, não importando o quão difícil a vida delas

possa ser, não importando o quão difícil a situação possa ficar”.

***Acesse no site de origem: [‘Malala síria’ luta contra casamentos de crianças com homens mais velhos \(BBC Brasil, 24/06/2015\)](#)***